

Luís Lóia

O essencial sobre  
EUDORO DE SOUSA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

## INTRODUÇÃO

Apresentar o *essencial* de um autor e sua obra, nos termos que caracterizam esta colecção da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, exige que o discurso seja simples e que a exposição seja clara. No caso de *O Essencial sobre Eudoro de Sousa*, tal não é tarefa fácil porque, quer o autor, sua personalidade e percurso académico, quer, especialmente, a sua obra, encerram complexidades que dificultam uma rápida compreensão e apreensão do que aí está em causa.

Desde logo, a primeira dessas dificuldades faz-se sentir quando pretendemos classificar o autor: professor?, pedagogo?, filólogo?, mitólogo?, filósofo? Talvez um pouco de tudo isso, mas, certamente, também algo mais.

A este respeito, e de algum modo contrariando algumas opiniões da academia portuguesa, tomamos partido: Eudoro de Sousa foi, sobretudo, um filósofo

e um filólogo e, neste sentido, fazemos nossas as palavras de Eduardo Abranches de Soveral quando afirma: «Essa vasta curiosidade intelectual teve nele, contudo, características muito próprias e um tanto inesperadas: no aberto leque dos temas a que se dedicou (microfísica, astronomia, filologia, arqueologia, religião, mitologia, etc.), assumiu, simultaneamente, a atitude do especialista, empenhado em conseguir conhecimento minucioso e actualizado da matéria que trata, e a atitude própria do filósofo, a quem só interessa o que é essencial, e prefere as sínteses claras aos longos relatórios» (Eduardo Abranches de Soveral, «Eudoro de Sousa», in *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. v, *O Século XX*, tomo 1, dir. Pedro Calafate, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, p. 297). Justificamos assim o epíteto de filósofo porque a inquietação, a interrogação, a necessidade de compreensão e fundamentação do saber estão presentes e patentes quer no seu percurso de vida, pessoal e académico, quer em toda a sua obra, seja em meros artigos publicados avulsamente, seja em obras de fundo. Filólogo porque sempre buscou uma compreensão desse *Arché* originante, qual arqueólogo do saber que não descure qualquer

tipo de manifestação linguística e artística na tentativa de compreender aquilo que é constitutivo do homem na sua relação com o mundo e com Deus, desde os primórdios mais recônditos da formação da civilização que hoje denominamos de ocidental — a este respeito, importante para a filologia portuguesa é o fecundo diálogo que estabelece com António José Brandão e Delfim Santos. Seja na pintura ou na arquitectura, mas sobretudo na poesia ou nos relatos míticos, a sua inquirição é sempre sobre a Origem fundante.

Importa também justificar porque são frequentemente atribuídos os outros epítetos. De facto, Eudoro de Sousa foi um excelente professor e pedagogo. Conseguia atrair alunos dos mais variados cursos e especializações para as suas aulas, ministradas em várias universidades brasileiras. Ainda como académico, alastrou a sua actividade à co-fundação de Universidades, Faculdades de Filosofia e Centros de Estudos, em que ensinou e desenvolveu intensa actividade no domínio da investigação.

No que diz respeito à classificação de mitólogo, tal não é estranho, na medida em que estamos perante um pensamento que se ocupa fundamentalmen-

te da mitologia, embora, cremos, de um modo filosófico. Isto porque, embora Eudoro de Sousa entenda a mitologia como relato da Origem e o mito como expressão simbólica da complementaridade entre Deus, Homem e Mundo, tal compreensão é sempre afirmada no plano do discurso racional, do discurso filosófico — bem certo que aí aponta os limites deste discurso e o próprio limiar do pensamento.

De qualquer modo, Eudoro de Sousa tem sido considerado como um dos mais ilustres pensadores daquilo que hoje se pretende afirmar como uma Filosofia Luso-Brasileira dotada de uma identidade própria. De facto, o esforço analítico de Professores como António Braz Teixeira e José Esteves Pereira, ou outros como Paulo Borges e Constança Marcondes César, tem vindo a mostrar como a intuição primordial do Professor Francisco da Gama Caeiro, que presidiu ao estreitamento de laços entre pensadores portugueses e brasileiros, concretizada na periodicidade de realização dos colóquios «Tobias Barreto» — em Portugal — e «Antero de Quental» — no Brasil —, fora ocasião para a abertura de um novo horizonte de especulação filosófica. Conhecer e dar a conhecer a obra de ilustres pen-

sadores, reflectir e aprofundar proximidades e diferenças, identificar preocupações, temáticas comuns e consequentes sobreposições e aprofundamentos, é tarefa que tem permitido, cada vez mais, falar de uma mesma filosofia, transatlântica e portuguesa, em dois países soberanamente distintos mas cultural e historicamente entrelaçados.

Um bom reflexo do que foi dito encontra-se, entre outras, em obras como *Pensamento Atlântico* (INCM), de Paulo Borges, *Caminhos e Figuras da Filosofia do Direito Luso-Brasileiro* (INCM) e *Espelho da Razão: Estudos sobre o Pensamento Filosófico Brasileiro* (Editora UEL), de António Braz Teixeira. No entanto, se hoje em dia podemos referir estudos, feitos em cada uma das margens deste oceano, que estabelecem as pontes para o desenvolvimento do pensamento filosófico luso-brasileiro, houve ocasião em que a convivência pessoal, académica e até tertúlica foi momento de concretização dessa identidade que hoje se busca identificar, compreender e desenvolver. Exemplo disso mesmo está patente em *O Grupo de São Paulo* (INCM), de Constança Marcondes César — que não deixa de reconhecer a pertença deste seu título à primordial

enunciação feita por António Braz Teixeira — onde está reunido um conjunto de estudos, de que realçamos os dedicados a Vicente Ferreira da Silva, Agostinho da Silva, Miguel Reale e Eudoro de Sousa. Naturalmente, condições sociais e políticas estiveram na origem desta aproximação; apesar disso, mais do que uma criação *ex nihilo*, este estreitar de laços prefigurou a oportunidade para o enraizamento filosófico de uma matriz cultural com inúmeros pontos de contacto.

Este é o quadro que emoldura o estudo da vida e da obra de Eudoro de Sousa — pensador português que atingiu a sua maturidade intelectual no Brasil.

## ÍNDICE

Introdução .....	3
O percurso pessoal e académico .....	9
A obra e o pensamento .....	23
O pensamento e a obra .....	37
Conclusão .....	66
<i>Bibliografia</i> .....	75